

TÓPICOS PARA LEITURA DA OBRA DE OTTO LARA RESENDE

Juarez Donizete Ambires*

RESUMO: *Otto Lara Resende é escritor mineiro, nascido em 1922. Sua formação de escritor recebe várias influências. Nela, encontramos ecos machadianos, níveis de diálogo com Dostoiévski, certa influência do Existencialismo católico, via franceses e via brasileiros. Em seu universo literário, a criança se faz presente. Seus personagens infantis, entretanto, figuram nada idealizados: fazem o jogo entre o ser e o parecer; recebem o mal e estão aptos a praticá-lo. Em verdade, eles existem em atmosfera de intensa psicopatologia.*

PALAVRAS-CHAVE: *Otto Lara Resende; influências; personagens infantis.*

ABSTRACT: *Otto Lara Resende is a writer native of the state of Minas Gerais, born in 1922. His training as a writer receives multiple influences. In it, we find echoes of Machado de Assis work, levels of dialogue with Dostoiévski, some influence from the Catholic Existentialism, via French, via Brazilian. In his literary universe, the child remains present. His infantile characters, however, never turns up as idealized ones: They make the game between being and having the appearance of; they receive evil and are able to perform it. In fact, they exist in an atmosphere of intense psychopathology.*

KEYWORDS: *Otto Lara Resende; influences; infantile characters.*

... "Em seu vocabulário há uma palavra insistindo em toda as páginas, malbaratando a boa ordem alfabética: a palavra infância."¹

Otto de Oliveira Lara Resende nasce em São João del Rei, a primeiro de maio de 1922. Já seu falecimento ocorre a 28 de dezembro de 1992 no Rio de Janeiro, cidade que escolhe para a vida de homem casado, pai de família, trabalhador contumaz, escritor dos mais sensíveis que a literatura brasileira conhece na segunda metade do século XX.

O Rio de Janeiro como geografia de quase 50 anos de uma vida, entretanto, mais os períodos de estadia no estrangeiro não tirarão de Otto sua afeição às origens. O reconhecimento público de homem de literatura não o afasta da mineiridade², essência que, como se fora verdadeiramente

* Professor de Língua e Literatura Portuguesas no Centro Universitário Fundação Santo André; doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo; autor de *Imagens da infância e da adolescência na obra de Otto Lara Resende*, livro publicado pela Porto de Idéias Editora, em 2010; endereço: R. da Fonte, 107, ap. 33, Jd. Bela Vista – 09040-270 – Santo André – S.P.

¹ Frase de texto de Otto, datado de 12 de Abril de 1945. P/ cf. busque-se: Santos, Tatiana Longo dos (org.). *Três ottos por Otto Lara Resende*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 10.

² Sobre mineiridade e política veja-se Arruda. P/ cf. busque-se: Arruda, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da*

existente, possível, Otto, brincando, tenta precisar por intermédio de anedotas e frases³.

Mais que esta situação, contudo, há em Otto, segundo nossa apreensão, uma Minas Gerais interior, ancestral, representada no montanhês.

Este homem da montanha, entretanto, mais que personagem, na escrita de Otto se traduziu em modo de ser e escrever. Ele é visão de mundo que se dá a conhecer em gosto pela introspecção, pelo intimismo. Ele seria estilo aprimorado de escrita que valoriza e explora a mesma introspecção e o mesmo intimismo.

O recôndito, por isto, está sempre em voga na obra de Otto. Todos o têm e ele se sobrepõe às medidas do físico. Ele aflora e quase sempre assusta. Quem vê o seu invólucro não imagina sua potência.

Este seria o motivo para que, em nossa interpretação, o associemos ao montanhês. Segundo certo folclore, o serrano é a figura de índole ensimesmada, casmurra, induzida a tanto, em plano simbólico, pela natureza de serras que ele habita, pela geografia de montes e precipícios que ele percorre.

Em desdobramento, no entanto, a mesma natureza o habita, a mesma geografia o contém. Ele, por isto, em sua interioridade, será serras, montes, precipícios, encarceramento recontado na escrita que quer se plasmar a estas características, valorizando os temas a elas correspondentes.

Se no que dissemos houver, contudo, algum fundamento, Otto não será o primeiro intelectual, no cenário de nossa cultura, a expressar estas cogitações. A introspecção, como traço de índole e marca de uma escrita, expressam-na, enquanto mineiridade e até onde captamos, episódios da poesia de Carlos Drummond. As serras e suas conotações estão na literatura mineira em romance de Cyro dos Anjos, cujo título outro não seria que *Montanha*⁴.

Antecederia, então, a Otto a geração modernista mineira em algumas de suas representações. Em verdade, porém, precederia o autor todo estilo marcado pela introspecção, todo estilo que busque os meandros da alma e suas possibilidades.

A impressão que temos é que o Otto leitor se deixou seduzir por todos. Em meio a nós, sua primeira paixão é Machado. Entre os clássicos russos, Dostoievski⁵. Na cultura francesa, salvo engano, Flaubert - nome

mineiridade. São Paulo: Brasiliense, 2000, 379 p.

³ "O mineiro seria um cara que não dá passo em falso, é cauteloso. Em Minas Gerais não se diz cautela, se diz *pré-cautela* ...". P/ cf. busque-se: Medeiros, Benício. *Otto Lara Resende* (Série "Perfis do Rio"). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998, p. 140.

⁴ P/ cf. busque-se: Anjos, Cyro dos. *Montanha*. 1 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, 391 p. Pensamos de conveniência lembrar que, no romance mencionado, a montanha, o montanhês e sua introspecção se destacam no contraponto com o litoral, mais propriamente com a cidade do Rio de Janeiro e sua gente menos introvertida.

⁵ Antônio Carlos Villaça dirá que Otto ... "vivia entre as lembranças de São João del Rei e a leitura meio aflita de

mais que revelativo.

Assim, se com algum fundamento o que em princípio aventamos, antes da suposta introspecção própria da mineiridade, outras haveria e o escritor delas soube bem se valer em sua formação.

Ante os fatos, o argumento da mineiridade como a fonte do referido intimismo que o estilo do autor persegue vai ficando vulnerável. Outra circunstância a contraditá-lo seria, para exemplo, a mudança nos meios de análise que nossa literatura passa, mais detidamente, a expressar nas décadas de 40 e 50 do século anterior.

Diminuindo-se a freqüência do romance e da poesia de cunho social em nosso meio, a nova sintonia de cultura está mais conciliada com uma vertente intimista que, ainda em nossa leitura, não é peremptória negação dos princípios que a antecedem.

Noutros termos, o que se teria é, por um lado, certa superação dos anseios que levam ao romance social nordestino da década de 30 e, por outro, a cedência de espaço para uma poesia menos vocacionada para a denúncia de mazelas sociais⁶, já tão presentes na realidade.

Bem exemplifica o fato a poesia de Drummond migrando, para exemplo, da *Rosa do povo*⁷ para *Fazendeiro do ar*⁸ entre os anos 40 e 50, episódio no qual Otto, em Belo Horizonte, começa a projetar os anseios do escritor, estando já a braços com o jornalismo.

Outra voga intimista muito presente no repertório das leituras do autor de *Boca do inferno* foi a contida nos romances de Lúcio Cardoso e Otávio de Faria. Os moços intelectuais do grupo de Otto com afeição leram e há depoimentos confirmando o fato e certa influência sobre os modos de ser e perspectivas de mundo que expressavam⁹.

Nossa interpretação vê alguma intertextualidade entre *O braço direito*, de Otto, e *Maleita*, de Lúcio Cardoso. O próprio Lara Resende sugere atmosfera dos conteúdos de Lúcio na gênese de *As pompas do mundo*¹⁰.

Sem se querer, entretanto, deitar a Otto a situação de discípulo, a citada influência existe e um quadro sócio-cultural a justifica.

Lúcio Cardoso e Otávio de Faria publicam desde os anos 30 e, apesar da corrente modernista, são lidos e apreciados pelos intelectuais mineiros¹¹.

Dostoievski, seu autor. O grifo é nosso. P/ cf. busque-se a crônica "Otto Lara Resende", de Villaça, publicada no *Jornal do Brasil*, em 01 de Janeiro de 1993.

⁶ O raciocínio que se desenvolve nos últimos parágrafos não se afasta do que é sugerido por Alfredo Bosi. P/ cf. busque-se: Bosi, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1980, pp. 466 a 476.

⁷ Livro de 1945.

⁸ Livro de 1953.

⁹ O testemunho é de Hélio Pellegrino. P/ cf. busque-se: Pellegrino, Antônia (org.). *Lucidez embriagada*. São Paulo: Planeta, 2004, pp. 95 a 101.

¹⁰ P/ cf. busque-se: Santos, Tatiana Longo dos (org.). *Três ottos por Otto Lara Resende*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 78.

¹¹ *Maleita*, de 1936, é o primeiro romance de Lúcio Cardoso; já *Mundos mortos*, de 1937, o primeiro de Otávio de Faria. Cabe lembrar que o conjunto dos romances do segundo autor se subordina ao título geral *Tragédia burguesa*. De Lúcio

Os moços literatos da Belo Horizonte da década de 40 estendem-se no mesmo procedimento.

A órbita angustiada e introspectiva dos romances de Lúcio e Otávio atrai público¹². Sob a influência do pensamento existencialista, eles retratam mundos engolfados em espiritualidade de tom pessimista e martirizado. O que dá sentido à existência seria, de modo direto ou indireto, a pergunta que os persegue e que em seus escritos se expressa.

Seus personagens são interioridades dilaceradas. Estão à cata de si mesmos e em busca da remissão. A nada tranqüila possibilidade de reencontro, a natureza humana a acharia em Deus. Os intelectuais de formação católica deixam-se tocar por este influxo e Otto é um deles.

Estes fatos, contudo, não farão do autor de *Boca do inferno* um escritor existencialista à moda dos franceses sob esta égide. A mesma situação também não nos permite pensá-lo um autor católico, na exata medida do modelo desta representação no episódio.

Otto pertence a um lastro cultural. Ele testemunha uma essência que marcou nossos meios intelectuais e não por pouco tempo. A ação do movimento se estende motivada ao menos por três décadas (anos 40, 50 e 60) em meio a nós. O fato, contudo, não lhe impõe dogmática filiação. O intelectual, movido por consciência crítica, quis fugir a rotulações.

Não negamos, entretanto, que o indivíduo Otto Lara Resende seja alguém marcado pela dimensão católica. A pessoa Otto foi um praticante desta religião, tal como, ao que tudo indica, boa parte dos letrados com os quais ele conviveu nos circuitos de Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Suas opções, no entanto, não o levam para os caminhos e a influência peremptória de um Tristão de Ataíde.

No Rio a partir de 1946, Otto não frequenta, por exemplo, com assiduidade o círculo dos autores católicos que se deixam sediar no Mosteiro de São Bento¹³. Amizade e fraterna admiração, entretanto, existem. O jornalista bem sucedido de *O Globo* dos anos 70 e 80 dará conta do fato em algumas crônicas.

Quando, por sua vez e contudo, se volta à atmosfera das décadas precedentes às já citadas, o que lá se encontra é o Otto leitor, tocado pelas essencialidades de Jacques Maritain, Georges Bernanos¹⁴, Leon Bloy,

Cardoso, por sua vez, dirá Otto que aprofundou, agravou uma cosmovisão que é ... "montanhosa, mineira, sombria". P/ cf. busque-se: Santos, Tatiana Longo dos (org.). *Três ottos por Otto Lara Resende*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 69.

¹² Novamente recorremos ao parecer de Hélio Pellegrino. P/ cf. recorra-se à indicação da nota 11.

¹³ Notícias sobre o fato nos dá Fernando Sabino em livro autobiográfico. P/ cf. busque-se: Sabino, Fernando. *O tabuleiro de damas*. São Paulo: Record, 1986, p. 114 e 115. No mesmo mosteiro, destacou-se D. Marcos Barbosa com sua poesia de fundo místico-religioso.

¹⁴ Segundo Villaça, Otto vira no romancista Bernanos ... "o Dostoievski do século XX", o propositos de um "Cristianismo vital e trágico, não-convencional, não-ornamental". P/ cf. busque-se a crônica indicada na nota 7.

François Mauriac, André Malraux, Albert Camus, Jean Paul Sartre¹⁵. Também as referidas crônicas de *O Globo* serão em parte o espaço de seu apreço por estas figuras.

Em paralelo, entretanto, além da atmosfera cultural indutora que o cerca, não se nega que Otto traga em si forte substrato católico, como já se afirmou. Sua formação se faz sob a influência da densa religiosidade que está por toda a Minas Gerais das primeiras décadas do século XX¹⁶.

Em ocorrência devida, Otto dará testemunho do fato¹⁷. O autor maduro tratará do tema em criação literária específica¹⁸, sem que o escrito possa ser lido como de indução autobiográfica.

Do mundo interior de Otto são ainda a infância e a adolescência em São João Del Rei, cidade que o escritor chamará de católica e medieval¹⁹, tamanha a força da religião na respectiva geografia.

Catolicíssimo sempre fora o clã Lara Resende. O pai de Otto representava como militante a Tradicional Família Mineira, grupo muito ligado à Igreja e seus valores²⁰. Antônio Lara Resende também era conhecido membro do Centro D. Vidal, entidade sediada no Rio de Janeiro, que, em dado episódio, terá à sua frente Tristão de Ataíde.

Padrinho de batismo do menino Otto será ninguém menos que Jackson de Figueiredo, a maior liderança católica que o país conheceu no período da República Velha.

Buscando redefinir seu espaço de ação e influência, a Igreja, na circunstância, valia-se do trabalho de expressivas representações. A intenção era minimizar os abalos por que passara com a afirmação da República. Os governos deste modelo político ratificavam o Estado laico e o fato tornou-se preocupação.

Jackson de Figueiredo e muitos outros (entre eles, o pai de Otto) militavam pela expansão de uma influência religiosa, temendo, ao que tudo indica, o avanço de forças suspeitas que o laicismo poderia admitir, particularmente o ateísmo e, em sua esteira, o comunismo.

A militância leva-os, então, à convivência e à camaradagem e o batizado de Otto é bem prova do fato. Este clima de forte catolicidade,

¹⁵ Os dois últimos representam o Existencialismo ateu. Para eles, a existência antecederia a essência. Primeiramente, viria o ser. O transcendente, se ocorrer, surgirá depois; será decorrência. P/ cf. busque-se: Sartre, Jean Paul. "Defense de l'Existentialisme". In: Picon, Gaetan. *Panorama de la nouvelle littérature française*. Paris: Firmin-Didot, 1967, pp. 652 a 654.

¹⁶ ... "As Minas da minha infância foi sufocantemente religiosa. A montanha estava empapada de religiosidade" ... P/ cf. busque-se: Santos, Tatiana Longo dos (org.). *Três ottos por Otto Lara Resende*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 71.

¹⁷ Em texto autobiográfico chamado "Escrever ... Reescrever ...", Otto indica o fato. P/ cf. busque-se: Santos, Tatiana Longo dos (org.). *Três ottos por Otto Lara Resende*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002, p. 154.

¹⁸ Trata-se do romance *O braço direito*, que é de 1963.

¹⁹ P/ cf. recorra-se à indicação da nota 19.

²⁰ Dados sobre o pai e sua atuação, Otto os dá em textos autobiográficos. Contudo, sobre si fala o próprio Antônio de Lara Resende. P/ cf. busque-se: Resende, Antônio de Lara. *Memórias* (2 vol.). Belo Horizonte, Distribuidora Record, 1972.

porém, não inculcará particularmente no autor Lara Resende cega obediência.

Se da pessoa de Otto se pode dizer que fora, em dados episódios de sua existência, um cristão atormentado com a busca dos sentidos da vida²¹, o mesmo em toda a extensão do fato, não está no escritor e suas produções.

O mundo das personagens do literato é indubitavelmente de tormenta. Na órbita literária do autor, entretanto, a Igreja (entidade) e seus valores passam por severa crítica²². Em dados episódios, eles são apresentados como incisiva forma de opressão e o fato leva-nos a refletir.

O homem e o autor são posturas com algumas distinções. Mesmo o homem tocado pelo catolicismo tem postura crítica, quando a situação o exige. Em Otto, a religião, acreditamos, não se espraia taxativamente sobre o potencial do escritor e o domina.

Na escrita do mesmo Otto, não há, em nossa leitura, os exatos ecos, redundâncias e perspectivas dos contidos em textos de um Antônio Carlos Villaça, para exemplo²³. O Otto Lara Resende a que nos referimos foi autor e recebeu influência, sem, contudo, se tornar um militante, sem categórica e explícita filiação a grupo²⁴.

Sua lógica interior - sempre tocada de angústia existencial - se deixou traduzir por dramas interiores e familiares. O início da carreira literária já dá conta do fato. A primeira intenção do jovem escritor é, em texto, falar sobre figuras angulares masculinas e ele as seleciona. A vontade foi escrever sobre o pai, o tio e o irmão. Apenas um dos temas, porém, se concretiza.

Em 30 de Abril de 1944, o suplemento literário do jornal *Folha de Minas*, de Belo Horizonte, publica de Otto o conto "O pai". No futuro, da parte do autor, porém, ocorreria um renegar deste primeiro trabalho. A alegação de ausência de qualidade literária impeliu o exigente autor e estilista a envergonhar-se do primeiro rebento²⁵.

A aguçadíssima auto-crítica, entretanto, não apagaria as características de, pela escrita, um modo de encarar o mundo que, de alguma forma, se repetiria noutras personagens não renegadas e, por isto, publicadas em livro.

No conto, está o pai cego e solitário, visto por um filho que, cada vez mais perdido em si, mais e mais distante vai se pondo, apesar da

²¹ P/ cf. busque-se: Sabino, Fernando. *Cartas na mesa*. São Paulo: Record, 2002, p. 187. O episódio remete-nos a carta de Sabino para Otto, datada de 04 de Agosto de 1957.

²² Vejam-se, para exemplo, os contos "Filho de padre" e "Dois irmãos", de *Boca do inferno*.

²³ Villaça, entretanto, teria lido Otto como se o escritor mineiro fosse um indiscutível existencialista católico. P/ cf. busque-se a crônica indicada na nota 7, escrito que é a primeira homenagem ao autor falecido. A Villaça também se deve livro de importância para a história do catolicismo no Brasil.

P/ cf. busque-se: Villaça, Antônio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, 335 p.

²⁴ Entre Lara Resende e Villaça (1928 a 2005), ficamos com a ideia de que o segundo é representação mais abalizada, para receber a classificação de "escritor católico". O que nos leva a tal escolha seria a releitura de dois títulos do autor: *O nariz do morto* (memórias), de 1970, e *Degustação* (também memórias), de 1994.

²⁵ Devido às referências que se farão ao conto em destaque, pomos-nos à disposição para repassá-lo a interessados.

consciência do afastamento e, na extensão, apesar da cobrança que ele - o filho - impõe a si.

Tolhido fisicamente, o pai, por sua vez, na solidão da casa, mais se recolhe. Na situação que se põe, a comunicação não se faz. Ambos - pai e filho - são emparedados, aos quais a genética não salva e, menos ainda, os sentimentos, o que é fato muito triste na força do seu determinismo e no tormento do filho que se estampa. Entre pai e filho pairou a escuridão de uma cegueira muito mais vasta.

Nos teores explicitados, põem-se, assim, traços de um universo literário posterior. Ensimesmamento, solidão, incomunicabilidade, mundos abissais, um quê de lado negro ou lunar projetam-se na força dos dramas interiores e futuros que Otto desenvolverá.

Não sem razão de ser, neste artigo já dissemos de uma dimensão literária firmada na consciência de uma escrita com verdadeiro e refinado poder de expressão. Dissemos também do gosto do seu autor pelo intimismo, pela introspecção, pela sondagem de dramas existenciais e do quanto sua obra primará por isto.

Buscando, então, elencá-la, dela diremos que, em vida de seu autor, a constituíram cinco publicações nas quais predomina o conto.

São elas: *O lado humano*, de 1952 (contos); *Boca do inferno*, de 1957 (contos); *O retrato na gaveta*, de 1962 (contos); *O braço direito*, de 1963 (romance); *As pompas do mundo*, de 1975 (contos).

Após a morte do escritor, ganham a forma de livro crônicas que, entre 1990 e 1992, o autor escreveu para o jornal *Folha de São Paulo*. A seleção dos escritos coube a Matias Suzuki Jr. e recebeu o nome de *Bom dia para nascer* em publicação de 1994, da Companhia das Letras.

Ainda no referido ano, em parceria com o Instituto Moreira Salles, a mesma Companhia editou também textos que Otto escrevera, nas décadas anteriores, para *O Globo*. À época (1994), a edição recebeu o nome de *O príncipe e o sabiá e outros perfis*. Os textos que a constituíram foram selecionados e organizados por Ana Miranda, intelectual também ligada à reedição de *O braço direito* nas prensas da mesma editora.

Última parte do empreendimento foi a publicação de *A testemunha silenciosa*, trabalho composto de dois textos de Otto que são "A cilada" (de *As pompas do mundo*) e "O carneirinho azul" (de *O retrato na gaveta*), escrito que, na referida publicação, passou a se chamar "A testemunha silenciosa" e a ser classificado, tal como "A cilada", de novela. Ambos os textos faziam mais jus à nova classificação, graças, entre outros fatores, à sua extensão que, por si, os diferenciava em meio aos contos do autor mineiro.

A Editora Ática, na mesma década em referência, também publicou uma antologia de contos do escritor que bem testemunham as habilidades da prosa do ficcionista e as preocupações com a estruturação do seu mundo literário, que é, como dissemos, intensamente marcado pelo intimismo.

O recôndito e a tensão psicológica (termos, neste episódio, tomados por sinônimos de “intimismo”) fazem-se presentes na vida de toda a personagem que o texto de Otto enfoca, mesmo quando se trata de crianças e adolescentes.

Estas faixas etárias, por sua vez e curiosamente, percorrem os escritos do autor. Otto lhes alça à condição de tocantes e potentes personagens, permitindo o trânsito de seus perfis.

O conteúdo que veiculam torna-as, na órbita em referência, importantíssimas. Querendo explorar a assertiva (todo o tempo associada às características da escrita do autor), escolhemos estes mesmos personagens para os enfocar.

Crendo na densidade do assunto e no relevo que ele gozaria aos olhos do escritor, achamos por bem dar algum destaque às imagens da infância e da adolescência, particularmente às imagens que os conteúdos dos contos de *Boca do inferno* oferecem.

O assunto, entretanto, não invalida o já afirmado. Se a escrita de Otto está marcada pela introspecção e suas variações, seu conjunto de personagens infantis e adolescentes não fugiram ao enfoque.

Em Otto, crianças e adolescentes encontram densidade, na esteira de uma prática que em nossa prosa se inicia com Machado de Assis, passa por Raul Pompéia e chega à atmosfera cultural de nosso Modernismo.

Explorando a perspectiva, lembramos que a leitura de *O Ateneu* muito sensibilizou o jovem leitor²⁶. O contato com a obra ocorreria ainda em São João Del Rei, espaço da primeira formação sob a severa vigilância do pai professor e dono de colégio do qual o filho será um dos internos.

Sensíveis exemplos Otto também receberá dos modernistas. Nomes como José Lins do Rego e Graciliano Ramos indubitavelmente redundam. *Menino de engenho* (romance, editado em 1932), e *Meus verdes anos* (memórias, editadas em 1956) do primeiro e *Infância* (memórias, editadas em 1945) do segundo são, em nosso cenário cultural, obras de grande importância, quando o assunto é infância ou envolve personagens infantis, fato que, em nossa leitura, faz-se uma das sensíveis vocações do escritor mineiro.

Por isto, alguns são os textos de Otto que recorrem a estes personagens e mesmo a adolescentes. O primeiro deles é “A pedrada”, quarto conto de *O lado humano*. “O carneirinho azul” primeiro conto de *O retrato na gaveta* põe-se também como exemplo. “O guarda do anjo” e “Mater dolorosa”, respectivamente terceiro e sexto contos de *As pompas do mundo*, estariam para a mesma significação. *O braço direito* conta, por sua vez, com personagens infantis e adolescentes que são os internos do asilo da cidade de Lagedo. Por fim, mencionamos *Boca do inferno*, livro em toda a sua

²⁶ P/ cf. busque-se: Medeiros, Benício. *Otto Lara Resende* (Série “Perfis do Rio”). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998, p. 23 e Santos, Tatiana Longo dos (org.). *Três ottos por Otto Lara Resende*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 152.

extensão dedicado somente a personagens nas faixas etárias de nosso interesse.

Antes, contudo, da manifestação literária de expressivos personagens infantis e adolescentes, sobre a "infância" Otto já teorizara. Ele publica uma apreciação acerca do tema em 1943. Na *Revista Mariana*, no número de julho e agosto do ano referido²⁷, o jovem recém iniciado na vida jornalística expressa-se sobre o assunto.

Em artigo, cujo título é "A infância mestra da vida", o futuro autor, em posicionamento crítico e filosófico sobre o tema, defenderá o valor da infância e suas vinculações²⁸. A primeira delas ocorre, para exemplo, na estreita relação com o tempo circundante.

Na leitura do jornalista iniciante, os laços da criança com o passado e o futuro inexistem. Para a infância, há o presente. Sua essência temporal restringe-se a este episódio.

Devido a tal, sua referência faz-se destituída de saudade. Este sentimento, o adulto é quem o tem e o projeta sobre seus anos primeiros, quando se recorda.

Nas determinações indiretas do texto, ao adulto poderia pertencer, por conseguinte, a associação entre infância e futuro, fato sem laços, acreditamos, com a lógica que o jornalista estabelece.

A vinculação, entretanto, no plano da realidade existe e, de algum modo, revela o quanto o adulto deseja que sua imagem e padrão se espraíem, apesar, em hipótese, da oposição natural que a infância lhe oferece.

Os seres enquadrados na mesma infância, contudo, na expressão avaliativa de Otto, não se caracterizariam por imediatismo ou irresponsabilidade. No entendimento que do texto fizemos, eles passam ao largo desta tipificação.

Para o jovem jornalista, a infância é essencial. Sua intrínseca ligação com o presente ainda a aloja na história, mas, ao mesmo tempo, dá-lhe a prerrogativa de poder se associar ao mito.

Deste modo, para o autor, a infância seria mais que expressão apenas material. Ela também se torna símbolo e, em nosso entendimento, Otto essencialmente assim a está vendo em seu escrito.

Outros momentos da existência não gozariam, parece-nos, de tal peculiaridade. Outros episódios da vida, como a fase adulta por exemplo, já contam com o diferencial da memória. O ter vivido implica escolher, optar, ter vínculos, guardar lembranças. Esta condição ancora o humano no histórico e suas práticas.

A prerrogativa da história, entretanto, dá ao indivíduo consciência

²⁷ O material em referência é parte do acervo de Otto, sob os cuidados do Instituto Moreira Salles.

²⁸ O artigo citado - do qual apresentaremos, nos próximos parágrafos, leitura circunstanciada - encontra-se à disposição dos interessados.

de suas faixas etárias. Noutra patamar, a mesma história - aqui vista como tempo decorrido e vivido - está nos afastando em paralelo das possibilidades míticas e mesmo poéticas aventadas.

O mesmo fato, por sua vez, no texto de Otto não põe em demérito o etário que se distânciava da infância. Neste episódio, contudo, o tempo é, nas induções do autor, mais absoluto; ele seria expressão destituída do conhecimento das dores da finitude e do devir.

Na extensão do afirmado, pensamos ainda no parecer de que, nas entrelinhas do seu texto, Otto enxerga a infância como cosmos. Dizendo da faixa etária, na crença sobre sua essencialidade, o autor de algum modo também a está tratando como *ethos*.

Assim o sendo, a mesma infância é reunião de traços psicossociais e será também, enquanto *ethos*, morada. Esta última acepção pediria, por sua vez, a "ética", isto é, a postura de bem se cuidar da casa, da morada em nós.

A resposta do futuro autor na defesa de seus próprios pareceres será ainda dar espaço e densidade em sua obra para personagens infantis e adolescentes. Na mesma atitude, no entanto, expressa-se também a idéia de que os personagens em questão não vivem sob redoma.

Estar no mundo significa sujeitar-se a acontecimentos. Com isto, a criança pode ser submetida ao mal, sofrê-lo, vivê-lo. A condição da infância, apesar das prerrogativas que o jornalista lhe empresta, em nada defenderia a mesma infância. O trabalho do escritor também referenda esta visão.

Desta forma, no trato que autor e jornalista lhe emprestam, a infância é vulnerável. Embora Cristo chame a si as crianças, não há escudo imantado para a proteção destes seres²⁹.

Sabemos, contudo, que esta marca não se faz prerrogativa somente do trato literário que o autor forjará para a infância particularmente em *Boca do inferno*.

Para os românticos, por exemplo, a infância é pureza e a situação não a livra das agruras de uma sociedade que escraviza humanos e, entre eles, crianças. Capta-se o fato na leitura de Castro Alves, apesar da rasgada indignação contra a circunstância, expressa pelo eu-lírico forjado pelo poeta³⁰.

Ainda exemplificando, lembramos que modernistas também vêem a infância como episódio sujeito a intenso sofrimento. Obras citadas confirmam amargamente a idéia.

²⁹ ... "Convém ... prevenir que dela" (da infância) "deve ser retirada toda a possível ingestão de aurora sem nuvens, iluminada em céu de tranqüilidade alva." ... O trecho pertence a texto que Otto data de 12 de Abril de 1945. Seu conteúdo nos faz cogitar em postura adversa a possíveis idealizações, porventura ligadas ao mundo infantil. P/ cf. busque-se: Santos, Tatiana Longo dos (org.). *Três ottos por Otto Lara Resende*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002, p. 10.

³⁰ Vale lembrar que ... "o navio negreiro do poema de Castro Alves, com todos os seus horrores, era o Brasil, era a metáfora do Brasil escravocrata." ... P/ cf. busque-se: Silva, Alberto da Costa e. *Castro Alves* (Série "Perfis brasileiros"). São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 97.

Veste-se desta circunstância a personagem central de *Menino de engenho*. Ao garoto que vive a recorrência de neto de grande senhor de engenho de açúcar pouco serve a condição.

O que mais deseja o menino é a mãe. Ele sofre com sua ausência e se angustia na dor da perda que se reitera na gradual partida das tias, levadas pelos respectivos casamentos para outros destinos.

Em *Infância*, por sua vez, muito do que se presencia é o medo do menino aos adultos. Estes mandam e têm sempre, por tudo e por nada, a mão pesada e ativa. O personagem-narrador não conta com a amizade e proteção da mãe. Ela devota a ele aberta e acintosa hostilidade.

O universo dos livros põe-se, então, para o mesmo narrador como a possibilidade do prazer. Também como refúgio ao mal da incompreensão, enfrentado pelo menino e pelo adolescente³¹.

No autor de nosso interesse, no entanto, a infância é tema que em seu trato recebe inovação. A criança, na maioria dos contos de *Boca do inferno*, estaria, ainda e entretanto, para a consagrada vítima. Ela, de uma forma ou de outra, figura como a submetida a dissabores, cuja origem se deve a naturezas perversas.

No mesmo livro, será ela, contudo e também, espantosa potência para o mal. Floriano é dos personagens da segunda obra do autor o mais elaborado e expressivo exemplo desta capacidade que muito amedronta.

Com isto, no lastro da personagem, o escritor acaba por distanciar-se do jornalista. No assassinato de Rudá há premeditação.

Rompe-se a barreira entre o crime não pretendido e o tencional. Desenha-se no menino Floriano o quadro do psicopata.

Com isto, *Boca do inferno* revela-se como o cenário da dualidade. No plano natural, expressa-se a natureza bucólica, a vida pacata e interiorana. Por ele, entretanto, transitam dilemas. Nele, sofre, para exemplo, a orfandade desvalida. Adultos sádicos perseguem meninos e meninas, na bonomia de tardes fagueiras.

No circuito do humano, na vez dele, vive-se a dualidade entre aparência e essência. O mal – e mal premeditado – poderá vir de qualquer um. Vem, entretanto e particularmente, das figuras de autoridade. O pai, a mãe, o padrinho, o padre, os avós, o primo mais velho abusam e não protegem, consagrados no insuspeito da tradição.

Em *Boca do inferno*, o mesmo humano expressa, ainda e noutros termos, a dicotomia entre o médico e o monstro. Nosso lado de trevas existe e aflora. Dele crianças são vítimas diretas. Ele se alimenta de indefesos que se transformam em párias. Ocorre também, tal e qual se disse, o

³¹ Para Otto, *Infância* é um livro "magistral". P/ cf. busque-se a crônica "Cordiais, mas cruéis", de Lara Resende, publicada no Jornal Folha de São Paulo, em 22 de Agosto de 1992. No mesmo texto, Otto ainda dirá que criança é um ser sofredor e que o "velho Graça" sabia dos fatos, isto é, conhecia a vida e seus meandros.

inverso: a criança como o monstro, o que assusta e aflige tanto quanto.

Otto, em sua escrita, fala-nos, então, do encoberto que evitamos, mas que existe e fala por nós. Não sem razão, a grande metáfora de seu livro é a caverna. De suas entrelinhas, por isto, deixam-se ver as psicopatologias da vida cotidiana. Em nossa vinculação, Otto nos remete a Freud³² e o psicanalista, a ele.

Voltando-nos, entretanto, em nova aproximação, para o texto de 1943, dele ainda ousamos dizer que será, então, um bom prenúncio. Indubitavelmente, ele inicia um complexo trabalho que plenamente se realizará no Otto literato e suas imagens da infância e da adolescência, a partir de 1952 com *O lado humano*, principalmente em 1957 com *Boca do inferno*.

Ainda nas ilações do texto primeiramente referido, achamos de conveniência dele também expressar que, em verdade, já muito intriga em seu título. “A infância mestra da vida” é frase que dialoga com famosa sentença. Seu intertexto se faz com “A história é mestra da vida” (*Historia vitae magistra est*), assertiva atribuída a Cícero³³, o orador romano.

Otto em sua designação, entretanto, dá grau de superioridade à infância. Ela possui caráter pedagógico maior que o da história. A infância ensina ou, ainda: é em seu acontecimento que se aprende, sem que (paradoxalmente, em nosso entendimento) a infância ou, na extensão, a criança tenha consciência de que um aprendizado esteja se processando.

Sem que seja um discípulo de românticos ou realistas, na circunstância ressoam em Otto Wordsworth³⁴ e Machado de Assis³⁵, com a sugestão de que “o menino é o pai do homem”.

Atente-se, contudo e repetindo-nos de algum modo, para o fato de que, nas articulações do autor, o menino pode ser um sociopata³⁶ sobre quem, após sua observação via leitura, resta apenas uma pergunta: quando matará novamente.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da mineiridade*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1980.

³² Para leitura recomenda-se: Freud, Sigmund. *Psicopatologia da vida cotidiana*. 3ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, 204 p.

³³ Marco Túlio Cícero (106 a 43 a.c.): *Orator*, livro II, II, IX.

³⁴ Wordsworth é poeta romântico inglês, cuja vida transcorre entre 1770 e 1850. Dele é o verso “o menino é o pai do homem” (“the child is the father of the man”), pertencente ao poema “My heart leaps up when I behold”, de 1802.

³⁵ Machado serve-se do verso de Wordsworth para epigrafe do seu famoso “Conto de escola”. Sentidos do mesmo verso fazem-se presentes nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, nas induções desencantadas do defunto autor e narrador.

³⁶ Novamente o exemplo é Floriano, do conto “O porão”.

FREUD, Sigmund. *Psicopatologia da vida cotidiana*. 3ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MEDEIROS, Benício. *Otto Lara Resende* (Série "Perfis do Rio"). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

MIRANDA, Ana (org.). *O príncipe e o sabiá e outros perfis*. São Paulo: Companhia das Letras/ Instituto Moreira Salles/ Casa de Cultura de Poços de Caldas, 1994.

PELLEGRINO, Antônia (org.). *Lucidez embriagada*. São Paulo: Planeta, 2004.

SABINO, Fernando. *Cartas na mesa*. São Paulo: Record, 2002.

SABINO, Fernando. *O tabuleiro de damas*. São Paulo: Record, 1986.

SANTOS, Tatiana Longo dos (org.). *Três ottos por Otto Lara Resende*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

VILLAÇA, Antônio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.